

**Anais do 6º Interprogramas de Mestrado
da Faculdade Cásper Líbero
(São Paulo, SP, 5 e 6 de novembro de 2010)
ISSN: 2176-4476**

Texto original como enviado pelo/a autor/a

A NARRATIVA JORNALÍSTICA EM TRANSFORMAÇÃO

Intertextualidade, identidade e autoria

Bianca Leite Dramali¹

Resumo

Pretendo discutir como a identidade do jornalista, e a produção de sua narrativa impressa, vêm sendo desafiadas a se adaptar diante múltiplas mudanças de cenário. Muitos são os fatores que fazem desse tema algo mais complexo e polêmico: crise do mercado de jornais impressos; fim da obrigatoriedade do diploma para o exercício da profissão de jornalista; a Internet e a vida digital dando voz a receptores e tornando a barreira entre quem produz e quem consome, quem emite e quem recebe, cada vez mais fluida.

Palavras-chave: 1. Narrativas; 2. Intertextualidade; 3. Jornalismo

“(…) Como se você estivesse vendo um filme mudo, ouvindo música e lendo ao mesmo tempo. É um filme sobre a minha geração, que é bem isso, faz tudo ao mesmo tempo: lê um livro ao mesmo tempo em que assiste à TV, ouve música e vê coisas na

¹ PUC-Rio – Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social – bianca.dramali@gmail.com

internet. Tentei traduzir isso num formato de filme.”²

Introdução

A inquietação para a construção deste ensaio surgiu durante as aulas da disciplina Comunicação e Estruturas Narrativas, ministradas pela Prof^{ta}. Vera Figueiredo. Por discutir a diversidade de narrativas e como estas deslizam pelos múltiplos suportes possíveis, questionei como isso se daria com a narrativa jornalística na contemporaneidade digital, e quais as suas implicações para o campo e para os seus profissionais. Assim, neste ensaio, pretendo discutir como a identidade do jornalista e a produção de sua narrativa impressa, vêm sendo desafiadas a se adaptar diante de múltiplas mudanças de cenário. Tais alterações de contexto, que fazem desse tema algo mais complexo e polêmico, vão desde a perda da obrigatoriedade do diploma até o advento do consumidor-produtor de notícias – o que torna a barreira entre quem produz e quem consome, quem emite e quem recebe, cada vez mais fluida – passando pela vida digital e seus múltiplos *devices* e a suposta crise do mercado de jornais impressos.

Importante notar que tal campo já passou por desafio semelhante, de fronteiras borradas, no século XIX, quando há a aproximação com a Literatura. Seriam, assim, o advento da intertextualidade e a dita crise do jornalismo fenômenos completamente novos? Ou mudariam apenas os campos em disputa e o contexto contemporâneo? Para tal análise, recorro à pesquisa bibliográfica e notícias recentes acerca dessa discussão. Em meu quadro teórico, conto principalmente com Flusser e Chartier, estudiosos do código escrito e de seus suportes ao longo da História.

Pensando o mundo em seu aspecto atual de multiplataforma, multimídia, multisuporte, com seus conteúdos, textos e imagens, deslizando de um lado para o outro, e em como se dá o embate das ditas mídias tradicionais e novas mídias, pretendo discutir como o jornalismo, que carrega em seu nome a sua plataforma de origem – o jornal – pode se transformar e aceitar a inevitável transposição de seus textos em múltiplos suportes. Qual seria o espaço hoje da narrativa do jornalismo impresso? Como trabalhar a identidade de um profissional forjado historicamente a partir de uma única mídia, acostumado a pensar em apenas um tipo de saída, de alocação de seus textos impressos, numa única plataforma:

² Matheus Souza, cineasta de 20 anos, diretor e roteirista dos filmes “Apenas o fim” e “Por enquanto”, filme sobre o qual comenta no trecho reproduzido.

o jornal (ou revista)? Como passar de uma para múltiplas saídas a partir de um mesmo texto, uma mesma origem? E este seria um mesmo texto ou a plataforma que irá recebê-lo muda o texto?

Com o advento de novas tecnologias os teóricos costumam pensar primeiramente nos impactos que estas técnicas trazem para nossas vidas e não como vamos reagir a elas, como serão criadas táticas de usos daquelas técnicas. Flusser segue essa mesma tendência quando se propõe a analisar os efeitos da imagem técnica em nossa forma de pensar e apreender o mundo. Com o advento da imagem técnica, as imagens passam a se impregnar de conceitos, porque partem de um texto primeiro – e conceitos são características da escrita linear –, como o código binário do computador, que possibilita a existência e a produção dessa imagem.

(...) a filosofia flusseriana (...) situa o indivíduo do presente como nódulo numa rede de interações e possibilidades. Vivendo em simbiose com as máquinas que criou, o ser humano é obrigado a abrir mão da possibilidade de controle da realidade, até mesmo porque a noção de ‘realidade’ é transformada por sua ação. (FLUSSER, 2007)

Código escrito, deslizamento de suportes e intertextualidade

Como trataremos de jornalismo, que tem como base o texto, trarei algumas reflexões sobre o tema. O código escrito não se refere, para Flusser, diretamente ao mundo. Para ele, a escrita seria uma representação do mundo através das imagens, por isso, indireta. E a forma ideal de entender o mundo seria através da síntese da superfície – imagem – e linha – escrita. Pergunto: e não seria essa fusão para apreensão do mundo que a Internet estaria promovendo em nossos dias? No ambiente digital, podemos ler textos como imagens técnicas, forjadas através do aparato técnico computador e tela. Mas também podemos ler imagens planejadas, reduzidas em duas de suas quatro dimensões, que podem passar a ser lidas como textos nesta mesma tela, construindo conceitos lineares, função característica da escrita.

Assim como Flusser, Chartier também trabalha a idéia de derramamento, deslizamento, transcodificação de textos para tela e pensa quais seriam as consequências desse transporte. O deslizamento pensado por Flusser não seria para a tela, mas sim para a caixa preta, nome dado por ele a todos os aparatos tecnológicos que produzam imagens técnicas.

Para Chartier, a preocupação está no fato da multiplicidade dos textos na tela poder mexer na ordem dos discursos, já que os mesmos se hierarquizam a partir dos suportes que os carregam. A partir dessa preocupação podemos nos perguntar: tem o mesmo peso e importância um texto jornalístico impresso em sua mídia tradicional em comparação a um texto exibido numa tela através de um site ou blog na internet? Como somos herdeiros de uma história, segundo Chartier, somos formados nela como leitores, por isso a nossa dificuldade de valorar essas novas produções textuais, que se dão através da tela.

Para Chartier, o texto na tela do computador é móvel; assim seria a textualidade digital. Para Flusser essa textualidade digital móvel, não linear, mudaria a nossa maneira de perceber e compreender o mundo ao nosso redor. Saímos do status de singularidade trazido pelo texto linear da escrita, que remonta valores como permanência, fixidez e estabilidade para uma realidade de coletividade, textualidade digital, maleável, móvel, aberto (*wiki*), com vozes coletivas, múltiplas.

Fluidez de campos e papéis: literatura, jornalismo, autor, receptor

Sob esses aspectos, podemos pensar as transformações como inéditas. Mas no século XIX o próprio jornalismo passava por transformações similares, quando da sua aproximação da literatura. O texto jornalístico, periodista se impregna do texto literário, passando a publicar crônicas, por exemplo. E o texto literário, por sua vez, se deixa influenciar pela linguagem periodista, marca deixada na literatura realista do século XIX. Assim, há dobra de um texto sobre o outro. Portanto, o fenômeno que acontece hoje em nossa contemporaneidade só muda em relação às novas mídias, novos suportes, mas repete os deslocamentos dos textos literários para os textos periodistas, jornalísticos e vice-versa.

Indo um pouco mais além a fim de minimizar os efeitos e a o ineditismo de tais transformações contemporâneas, lembramos que mesmo na escrita tradicional, linear, contando com o livro como suporte, sem concorrência de outras mídias, a obra reproduzida para posteridade nunca fora a mesma ou igual à original. Isso porque desde sempre deslizou por suportes diversos, foi lido em tempos diferentes, por leitores diferentes, editada por diversos editores, com diagramações diferenciadas. Assim, pode-se questionar o lugar da originalidade desde há muito tempo e não só hoje quando se discute que o lugar do texto

jornalístico original seria a mídia jornal, e não qualquer mídia digital. E o emissor legítimo dessa categoria de texto seria única e exclusivamente o jornalista e não alguém que julga escrever bem e cria um *blog*, para fazer circular pela rede seus textos originais, reproduções das mídias tradicionais ou de outros *blogueiros*. Afinal, há um dono do estilo jornalístico e do suporte jornal? Quem legitima o que é ou não o jornalismo ou o jornalista e qual o seu lugar?

A internet intensifica o conceito e a prática da intertextualidade, onde a figura do autor fica um pouco esmaecida. Talvez essa questão da autoria também seja mais uma das causas da crise de identidade do jornalista, já que até pouco tempo atrás o que valia era seu nome e não a marca para a qual trabalhava. O jornalismo já foi um trabalho mais autoral. Hoje, produz conteúdo para marca para quem trabalha. Os leitores são seus, mas também de todo o conteúdo disponibilizado pela marca. É a imagem dessa marca que ajuda construir e não propriamente a dele como jornalista, salvo os colunistas, que garantem as suas marcas pessoais como âncoras do grande shopping center construído sob a marca do jornal.

A intertextualidade, vale lembrar, pode ocorrer em diferentes linguagens, campos e mídia, podendo ocorrer intertexto, por exemplo, em um mesmo campo. No jornalismo digital presenciamos essa questão de diversas formas: os comentários deixados pelos leitores pelas matérias publicadas no site, as contribuições dos leitores, através do jornalismo-cidadão, convivendo na mesma página com outras matérias produzidas pela empresa, etc.

Fim do diploma: Ruptura do campo profissional

A questão do campo do jornalismo, no Brasil, teve recentemente a sua atenção redobrada quando em 17/06/2009 o STF (Supremo Tribunal Federal) decidiu pelo fim da obrigatoriedade do diploma de jornalista para o exercício da profissão. O tema é polêmico e divide jornalistas e não-jornalistas. Ao que parece, os que defendem a permanência da exigência do diploma o fazem numa tentativa desesperada de delimitar um campo que há muito vem se diluindo como tantos outros, frente à nova cultura da simultaneidade digital. Os que são a favor da decisão do STF, acreditam que não muda nada, já que:

“Pra ser jornalista é preciso escrever bem. É preciso saber apurar bem. É preciso ter senso

de notícia, e muita cara de pau - e carregar nas costas muita leitura e cultura geral. É necessário ter rigor com seu próprio método, buscar ser preciso, sempre. E não se cansar de ser curioso. Agilidade e capacidade de síntese são boas características também. Jogo de cintura, então, nem se fale. Claro que tudo isso pra você ser um bom jornalista -e há jornalistas de todos os tipos no mercado. E não estou dizendo aqui que eu tenho todos esses pré-requisitos, apenas que busco alcançá-los, como meta de quem quer melhorar sempre. Nada disso você adquire, necessariamente, num curso específico de graduação - seria até mais fácil se fosse possível. Mas não é. É um conjunto de características que vem com a vida - com a formação básica, que se mistura com a personalidade, com as oportunidades, com os acessos e a experiência.”³

Jornalistas se manifestam em seus *blogs*, encarando de maneira natural a decisão do STF. Talvez por já ter encontrado seu lugar no novo contexto da cultura digital, retomando até mesmo a questão autoral que poderia ter se ofuscado nos meios tradicionais da imprensa.

“(…) A história está enterrando o jornalista profissional. Qualquer um com um blog é, na prática, jornalista, ou pelo menos autor publicado; e um veículo de comunicação, simultaneamente. Está sujeito à lei, tem possibilidade de ganhar dinheiro com publicidade. Vão cobrar diploma de todos os blogueiros do Brasil? Mas o jornalismo vai acabar? Não vai ter gente no futuro que saiba apurar, entrevistar, organizar informação de maneira coerente e sedutora? Com um ponto de vista único e capacidade de eletrizar o leitor / ouvinte / espectador? Claro. Já está cheio desses hoje na internet. Mas ter feito faculdade de jornalismo não tem nada a ver com isso.”⁴

Podemos afirmar, então, que o fim da obrigatoriedade do diploma de jornalista não decreta a morte do jornalismo de qualidade no Brasil. São duas outras questões que vêm a reboque da decisão judicial: reflexões sobre o jornalismo e sobre o status da profissão de jornalista. Sobre a primeira questão, dois dos países mais destacados pela qualidade de sua imprensa – França e EUA – não exigem diploma para o exercício da profissão de jornalista. Isso já nos faz refletir e constatar que, ao que parece, qualidade na produção jornalística e diploma não têm tanta correlação como podíamos pensar. Afirmar ainda que outros fatores como o jornalismo participativo via web e os blogs somados ao fim da exigência do diploma enfraqueceriam ou eliminariam o jornalismo só vem reforçar os preconceitos existentes nesse campo, que trata da segunda questão apontada acima, do status da

³ Texto publicado no blog da jornalista Simone Iwasso. Acesso em 05/07/09.
http://www.interney.net/blogs/locutorio/2009/06/18/sobre_jornalismo_diploma_profissao_pela/

⁴ Declaração do blogueiro André Forastieri em seu blog: <http://andreforastieri.uol.com.br/?p=467> (Acesso em 05/07/09)

profissão de jornalista.

“O que morre é uma concepção antiga de jornalismo. Infelizmente, trata-se de uma área cheia de preconceitos. Diplomados preferem virar a cara para ex-colegas que trabalham em assessorias de imprensa: "Ora, isso não é jornalismo", dizem. É preciso abandonar visões essencialistas que querem fazer crer que só existe um tipo de jornalismo: o *hard news* da Folha de São Paulo!”⁵

Assim, acreditamos que a educação de formação e continuada do jornalista continuará sendo vista como diferencial, quando cursadas em Universidades reconhecidamente de qualidade. Cada vez mais, de maneira até mesmo independente das grandes empresas de comunicação, temos nos informado a partir de textos de qualidade em *blogs* ou *sites*, ou ainda através de nossa rede no *Twitter*. O que parece estar ameaçado aqui não é a narrativa jornalística e a qualidade de sua produção, mas sim o campo autônomo do jornalismo, o status e a exclusividade do jornalista sobre a emissão da notícia.

O jornalismo e o jornalista contemporâneos

Esses novos tempos do jornalismo exigirão mais – ou outro – preparo de seus profissionais. Por isso, um jornalista – ou escritor – que se intitule multimídia deve escrever já prevendo o deslizamento, a adaptação, a publicação de seu texto em vários suportes de mídia. Seu comportamento, assim como sua escrita, deve ser maleável, flexível. Seu texto deverá trazer em si o potencial de ser um texto de qualquer outro suporte. Vale ressaltar que o fato do texto ser multimídia em sua origem criativa não faz dele um texto menor ou com perda, como muitos afirmam, mas sim um texto flexível.

O jornalismo contemporâneo deve pretender, e estar apto, a deslizar em diversos suportes. Deve ser uma produção textual de livre circulação, sem pontos fixos, que seriam determinantes de valores máximos, sem hierarquização de valor entre as mais diversas plataformas. Deve repensar a autonomia do seu campo e buscar outra diferenciação que não seja a do protecionismo, corporativismo ou revanchismo contra as novas mídias. Se as tiver como aliadas, será uma medida mais adequada aos novos tempos.

Durante as declarações de votos no STF, uma se destaca por tratar da origem histórica do jornalismo, que convive e se enriquece com a convivência entre dos campos:

⁵ Trecho do texto publicado pelo blogueiro Alex Primo um dia após a decisão do Supremo Tribunal Federal. <http://www.interney.net/blogs/alexprimo/> (Acesso em 05/07/09)

texto periodista e literatura. “Em seu voto, Gilmar citou uma série de escritores que exerceram a profissão sem terem diploma e, citando o julgamento que revogou a Lei de Imprensa, disse que o melhor caminho para os veículos de comunicação é a autorregulamentação.”⁶

Em visita recente ao Brasil, quando participou da FLIP (Feira Literária de Paraty), o jornalista escritor Gay Talese – um dos criadores do "novo jornalismo", que investiga como as ferramentas de repórter se relacionam com os recursos literários de escritor – afirmou que a crise que vem ocorrendo é dos jornais e não do jornalismo. Gay Talese descreve assim o seu jornalismo literário:

Os jornalistas geralmente lidam com o público, enquanto os romancistas, contistas e dramaturgos lidam com as vidas privadas. Eu queria escrever de forma literária coisas que realmente tinham acontecido, coisas que fossem privadas. Não há outra maneira de fazer isso senão passar tempo com as pessoas, ganhar a confiança delas, se misturar.⁷

Em declaração à Revista Veja de 17/06/09, Gay Talese fez a seguinte declaração, que demonstra que o status e o empoderamento do jornalista parece não estar localizado apenas no Brasil:

O governo usa a imprensa mais do que a imprensa usa o governo. Hoje, devemos ter uns 10.000 repórteres em Washington. Há uma civilização inteira de jornalistas em Washington. Se eu dirigisse um jornal, eliminaria de 50% a 60% da sucursal de Washington e mandaria os repórteres para outros lugares do país, para Califórnia, Nebraska, Flórida. Sabe o que aconteceria? Estaríamos tirando a ênfase sobre o governo e neutralizando sua capacidade de controlar o discurso político. Em vez de ficarmos segurando o microfone para o governo falar, estaríamos trazendo notícia sobre como as decisões do governo são percebidas e como são sentidas longe de Washington. Isso é vida real. É cobrir os efeitos das medidas do governo sobre a economia, a gripe suína, seja o que for, mas longe do governo e perto da sociedade. A multidão em Washington decorre do fato de que as pessoas adoram o poder e ficaram preguiçosas. Jornalista ama o poder, ama lidar com o poder.

Apesar de se posicionar de forma crítica em relação a como os jornalistas americanos permanecem perto do Governo e não mais próximo ao receptor, à população,

⁶ Trecho da reportagem publicada no dia 17/06/09 às 19h23m. (acesso em 05/07/09) <http://oglobo.globo.com/pais/mat/2009/06/17/stf-derruba-obrigatoriedade-do-diploma-de-jornalista-756381129.asp>

⁷ Declaração de Gay Talese na FLIP, com cobertura pelo site (acesso em 05/07/09) <http://www.conhecaolivreiro.com.br/noticias/60-talese-a-tecnica-do-alfaiate-e-do-comerciante>

em outra declaração, parece resistir e expressar uma visão polêmica, e de preservação Iluminista, em relação à mídia impressa em jornal, quando a compara com a Internet, fazendo comentários preconceituosos sobre os blogueiros:

Com as novas tecnologias, e sobretudo com a criação da internet, o público hoje é informado de modo mais estreito, mais direcionado. Na internet, os jovens se informam de modo muito objetivo, no mau sentido. Eles têm uma pergunta na cabeça, vão ao Google, pedem a resposta, e pronto. Estão informados sobre o que queriam, mas é um modo linear de pensar e ser informado, que não dá chance ao acaso. Quem está interessado em saber sobre o presidente do Paquistão vai à internet, fica sabendo que ele andou visitando Washington, quem é o seu principal oponente, essas coisas. Quem lê um jornal impresso lê sobre tudo isso e depois, ao virar a página, lê sobre a mulher do Silvio Berlusconi, depois sobre as chinesas que perderam seus filhos naquele terremoto, depois sobre o desastre do Air France que saiu do Rio para Paris. Enfim, lê histórias que não procurou e, por isso, acaba adquirindo um sentido mais amplo do mundo. Claro que você também pode fazer isso na internet, mas o apelo da internet é o oposto. É oferecer informação rápida. A internet é o fast-food da informação. É feita para quem quer atalho, poupar tempo, conclusões rápidas, prontas e empacotadas. Quem se informa pela internet, de modo assim estreito e limitado, pode ser muito bem-sucedido, ganhar muito dinheiro, mas não terá uma visão ampla do mundo. Para piorar, surgiram esses blogs com blogueiros desqualificados, que apenas divulgam fofoca. São como uma torcida num jogo de futebol que fica o tempo todo gritando para os jogadores, para o juiz. É gente que não apura nada, só faz barulho.

Está tão arraigada a autonomia do campo do jornalismo, que mesmo um jornalista que se diferencia dos demais por trabalhar em seus textos a mescla de literatura e jornalismo, quando perguntado sobre as novas tecnologias, ainda as enxerga como inimigas, não como aliadas. E dizer que a Internet não dá chance ao acaso, que privilegia a forma linear de se informar para correto? Não seria necessariamente o contrário, seguindo a dinâmica hipertextual própria dessa mídia?

Quanto mais rápido os jornalistas se permitirem parar de pensar de forma iluminista, tendendo à separação dos campos, melhor forjarão sua nova identidade, deixando de lado uma inadaptabilidade que vem marcando essa profissão que foi desafiada por diversas mudanças culturais, políticas e tecnológicas. As mesclas entre os campos da literatura e do cinema, por exemplo, para os pensadores de lógica iluminista, não são permitidas. Para eles, um campo que desliza para o outro empobrece o inicial e pode matá-lo. Pelo contrário, talvez isso realmente ocorra, no caso do jornalismo, caso não haja uma mudança de postura. Uma atitude que prove ser possível enriquecer os textos à medida que deslizam de um suporte a outro e não empobrecê-los.

Assim como a literatura e o cinema, por exemplo, o jornalismo através dos

responsáveis por sua produção textual, precisa refletir acerca desses lugares marcados, marcos classificatórios e hierarquizantes de sua produção. As barreiras entre os campos estão se diluindo e é preciso, com isso, descobrir qual a melhor forma do texto jornalístico se dobrar sobre outros e permitir que outros se dobrem sobre ele. O jornalista precisa ser o agente de mudança que fará com que o jornal rompa com o seu suporte de origem, fazendo o texto jornalístico tangenciar outras mídias, se entrecruzar em outros suportes.

Até quando, em tempos de internet e consumidor-produtor, com reportagens publicadas em *blogs*, *sites* e até vídeos no *YouTube*, os jornalistas pensarão o seu campo como autônomo? Precisão, sim, ficar atentos aos detalhes e buscar seu diferencial como profissionais de um campo mais amplo: a comunicação.

Repensando a narrativa jornalística

Numa época em que se privilegiam a micro-história, a partir das micronarrativas e a micro-observação, trazidas respectivamente nos estudos de Paul Ricoeur e Marc Auge –, a questão identitária surge como algo extremamente relevante, desde as últimas décadas do século XX. Não estaria aí uma oportunidade para o jornalismo? Privilegiando e explorando essas características do micro, do individual em seu trabalho, o jornalista pode redescobrir o grande papel social que ainda possui, se aproximando mais do seu público leitor e falando mais a partir desta perspectiva da alteridade, menos autoral, com maior relativização das visões de mundo. Basta colocar as lentes certas para enxergar esse novo mundo. Lentes que nos são apresentadas pelo jornalista polonês Ryszard Kapuscinski, considerado um dos melhores correspondentes de guerra pelos seus colegas jornalistas:

Creio que para exercer o jornalismo, antes de tudo, há de ser um bom homem ou uma boa mulher: bons seres humanos. Más pessoas não podem ser bons jornalistas. Se se é uma boa pessoa, se pode tentar compreender as demais, suas intenções, sua fé, seus interesses, suas dificuldades, suas tragédias. E converter-se, imediatamente, desde o primeiro momento, em parte de seu destino. É uma qualidade que a psicologia denomina “empatia”. Mediante a empatia, se pode compreender o caráter próprio do interlocutor e compartilhar de forma natural e sincera o destino e os problemas dos demais. Nesse sentido, o único modo correto de fazer nosso trabalho é desaparecer, esquecermos de nossa existência. Existimos somente como indivíduos que existem para os demais, que compartilham com eles seus problemas e tentam resolvê-los, ou ao menos descrevê-los. O verdadeiro jornalismo é intencional, a saber: aquele que fixa um objetivo e tenta provocar algum tipo de mudança. Não há outro jornalismo possível. Falo, obviamente, do bom jornalismo.⁸

⁸ Texto publicado no blog da jornalista Simone Iwasso. Acesso em 05/07/09.

http://www.interney.net/blogs/locutorio/2009/06/18/sobre_jornalismo_diploma_profissao_pela/

Referências

CHARTIER, Roger. **Os desafios de escrita**. São Paulo: Editora Unesp, 2002.

FIGUEIREDO, Vera. **Encenação da Realidade: fim ou apogeu da ficção?** XVIII Encontro da Compós, PUC-MG, Belo Horizonte, 2009.

FLUSSER, Vilém. **O mundo codificado: por uma filosofia do design e da comunicação**. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

PESSANHA, Luciana. **Entrevista com Matheus Souza**. In: Revista O Globo, Ano 5, nº 258, 5 de julho de 2009, p. 12-16.